



QUATRO ARTISTAS E SEUS POSICIONAMENTOS FRENTE À REALIDADE DAS MÁQUINAS

FOUR ARTISTS AND THEIR VIEWS ABOUT MACHINES

Simone Rocha de Abreu¹

RESUMO: Este artigo traz uma reflexão sobre o posicionamento de quatro artistas frente à realidade das máquinas e coloca essas posturas em paralelo. Para cada um dos quatro artistas abordados foi enfocada uma obra importante e significativa para a análise aqui desenvolvida. Os artistas abordados são Claude Monet (1840-1926), Giacomo Balla (1871-1958), Jean Tinguely (1925-1991) e Marcel.li, respectivamente as obras abordadas são: *A Gare Saint Lazare* (1877), *Le mani del Violinista* (1912), *Metamatic n° 9* (1959) e *Epizoo* (1994).

PALAVRAS-CHAVE: Posicionamento; Máquina; Artistas.

ABSTRACT: This article brings a reflection of four Artists point of view about the machine reality and put them in parallel. For each one them was approached an important and significant work to analysis developed. The artists approached are Claude Monet (1840-1926), Giacomo Balla (1871-1958), Jean Tinguely (1925-1991) and Marcel.li, with the same order of work: *A Gare Saint Lazare* (1877), *Le mani del Violinista* (1912), *Metamatic n° 9* (1959) and *Epizoo* (1994).

KEY WORDS: Point of view; Machine; Artists

INTRODUÇÃO

Este artigo parte da observação e da leitura de obras de Monet, Balla, Tinguely e Marcel.li relacionando –as com o estímulo fornecido aos artistas pelas máquinas. As máquinas foram vistas como índice da modernidade, como síntese de um dinamismo adorável, como matéria-prima para a obra de arte, como símbolo de um racionalismo extremo de validade questionável, como dominadoras do homem.

1. MÁQUINA COMO ÍNDICE DA VIDA MODERNA: CASO MONET

Claude Monet e os demais artistas impressionistas procuraram pintar os temas da vida moderna, tais como: cenas urbanas, as aglomerações de pessoas, o momento de lazer

¹ Mestre em Integração da América Latina Universidade de São Paulo, Docente da Escola Técnica do Estado unidade de Carapicuíba no curso Comunicação Visual, Centro Paula, faabreu@uol.com.br.



dos habitantes das cidades, a luz artificial e as máquinas em funcionamento. A vida fervilhava, as mudanças se multiplicavam, as máquinas imprimiam uma agilidade à vida até então não conhecida, com isso, tomou-se a consciência que as coisas mudam com o passar do tempo, é a partir dessa percepção que os artistas impressionistas passam a retratar a efemeridade dos novos tempos.

Os artistas impressionistas queriam pintar paisagens colhidas frente a elas e não no atelier, Claude Monet pintou a mesma paisagem em diversos momentos do dia, o objetivo era refletir a mudança permanente das coisas e investigar as velocidades das mudanças ainda desconhecidas. O interesse principal dos impressionistas era a luz, eles procuravam, a partir da observação direta do efeito luminoso sobre os objetos, registrar em suas telas as constantes alterações que essa luz provoca nas cores do que é visto.

Como afirma Meyer Schapiro (SCHAPIRO, 2002, p.196) em seu texto sobre Monet intitulado *O Impressionista exemplar: Claude Monet*, este artista “é exemplo de uma das mais extraordinárias transformações conhecidas na produção de um artista”. Sendo a produção artística de Monet ampla e dispare como Schapiro afirmou, há a necessidade de pontuar a nossa análise. Este artigo se refere às pinturas de Monet da estação ferroviária, como: *A Gare Lazare*, de 1877 (óleo sobre tela, 75 X 100 cm, *Musée d'Orsay*, Paris, França) e *A Gare Lazare: Chegada do Comboio da Normandia*, de 1877 (óleo sobre tela, 59,6 X 80,2 cm, *The Art Institute of Chicago*, EUA).



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com



Claude Monet. *A Gare Saint Lazare: chegada do comboio da Normandia*, óleo sobre tela, 59,6 X 80,2 cm, The Art Institute of Chicago, EUA.

Nas obras referenciadas acima, Monet retrata a paisagem urbana como fez inúmeras vezes, nesta paisagem escolhe o interior de uma estação ferroviária com o trem em funcionamento, portanto com o ambiente repleto de fumaça emitida pela máquina. Neste ambiente o artista retrata o fugidio, a paisagem que muda rapidamente, mudança potencializada pela situação atmosférica da estação.

Monet que está fascinado pelo efeito de luz em meio a tantas nuvens de fumaça e de vapor de água mostra as locomotivas que surgem em meio à confusão de pessoas. Aqui, a máquina aparece como um índice da vida moderna e cotidiana de Paris daquela época, a máquina é parte da paisagem urbana que o artista quer captar e é parte dos velozes tempos da vida moderna. A máquina é vista com síntese dessas mudanças, dessa agilidade que a modernidade imprimiu à vida.

2. MÁQUINA COMO ÍNDICE DE VELOCIDADE – O FUTURISMO: CASO GIACOMO BALLA



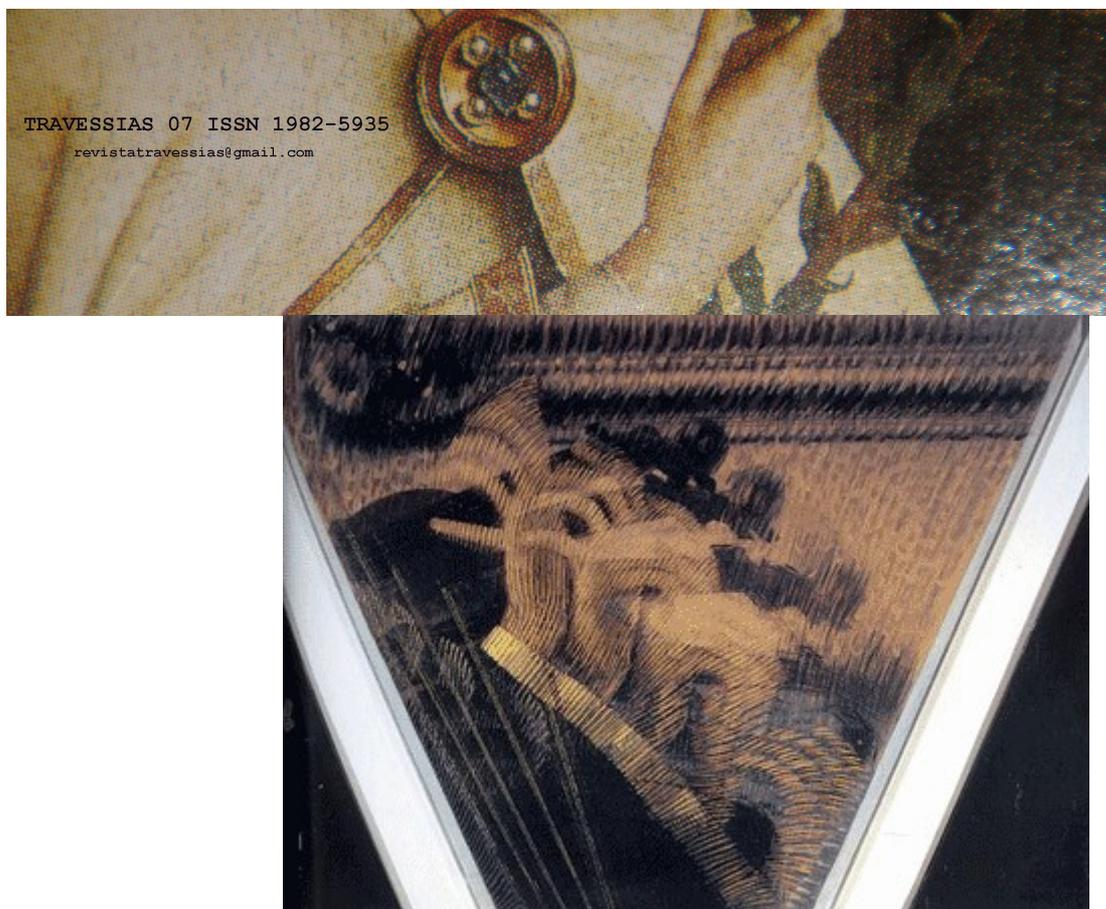
Em 1909 Filippo Marinetti (1876 – 1944) escreveu o Manifesto Futurista e lá fez a apologia das máquinas e da velocidade, dizendo:

Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma nova beleza: a beleza da velocidade. Um carro de corrida cujo capô é adornado de grandes tubos, qual serpentes de hálito explosivo – uma automóvel que rugir e parece cavalgar uma metralha é mais belo que a *Vitória de Samotrácia*. (apud HUMPHREYS, 2000, p.11).

Embora iniciado por Marinetti como um movimento literário, as idéias futuristas expandiram-se a outras áreas, no ano seguinte cinco artistas plásticos lançaram o “Manifesto dos pintores Futuristas” e logo em seguida em seguida lançaram a “Pintura futurista: manifesto técnico”, os artistas eram Umberto Boccioni (1881-1916), Gino Severini (1883-1966), Carlo Carrá (1881-1966), Luigi Russolo (1885-1947) e Giacomo Balla (1871 – 1958). O princípio unificador das proposições desses artistas era a paixão pela velocidade, pelo poder, pelas novas máquinas e o desejo de transmitir nas obras o dinamismo da cidade moderna e industrial.

Do “Manifesto futurista: manifesto técnico” de onze de abril de 1910, destacamos o seguinte trecho:

Tudo se move, tudo corre, tudo se volta rapidamente. Uma figura nunca se encontra estável diante de nós, mas aparece e desaparece incessantemente. Pela persistência da imagem na retina, as coisas em movimento se multiplicam, se deformam, sucedendo-se, como vibrações, no espaço que percorrem. Assim um cavalo a correr não tem quatro pernas, mas vinte, e seus movimentos são triangulares. (CHIPP, 1996, p.295).



Giacomo Balla. *Il Mani del Violista*, óleo sobre tela 52X75 cm, 1912.
Fundação Estorick, Londres.

Giacomo Balla aplica essas idéias em seu quadro intitulado *Le mani del Violista* (Ritmo de um violinista, 1912), são representações seqüenciais que almejam a decomposição do movimento, neste trabalho Balla revela a influência dos estudos fotográficos de locomoção humana e locomoção animal realizados em 1872 por Eadweard Muybridge (1830 – 1904).

Portanto para Giacomo Balla e outros futuristas a máquina é vista como índice de velocidade, como índice de um dinamismo adorável; aguçados por esta percepção, passam a perceber tudo em constante movimentação e almejavam traduzir essa sensação de dinamismo em suas obras.

3. MÁQUINA COMO DINAMISMO REAL: CASO JEAN TINGUELY

O artista Jean Tinguely, assim como os futuristas, também foi fascinado pela velocidade e o dinamismo das máquinas, as idéias de movimento e velocidade são centrais em sua obra. O que torna a produção de Tinguely bem diferente das obras futuristas é a aproximação que esses artistas tiveram em relação às máquinas. Enquanto os futuristas se aproximaram delas interpretando as máquinas como índice de velocidade e dinamismo, assim passaram a representar esse dinamismo, o que gerou quadros e esculturas de objetos



com sensação dinâmica, ou seja, com a ilusão de que se movimentando; Tinguely emancipou a máquina e a utilizou como material para construir os seus objetos e assim gerar um dinamismo real e não uma sensação dinâmica como a tradução perseguida pelos futuristas.

Outras idéias importantes vinculadas à produção de Tinguely são: a co-autoria, a interação, o acaso, o humor e a apresentação da obra como um processo (e não somente como produto final). Para observar essas características da produção desse artista citaremos as obras intituladas *Metamatics*, de 1959².

Metamatics são máquinas-obras que desenham e foram expostas pela primeira vez em 1959, o visitante podia colocar um papel previamente assinado por Tinguely no suporte metálico da máquina-obra e fixava uma caneta colorida ou crayon em outro suporte pré-determinado. Com a ativação da máquina o braço que segurava a caneta ou lápis se movia produzindo um desenho abstrato. Portanto o desenho era realizado em co-autoria com o visitante, sendo a interação necessária para a obra se completar e o acaso incorporado.

Devemos agora recordar que esta máquina-obra foi exposta pela primeira vez em 1959 e que desde o final da segunda guerra mundial a abstração vinha sendo considerada a grande linguagem artística da Europa e da América do Norte, somado a isso, a imagem do artista passava a ser espetacular, um verdadeiro *showman*. Lembremos da filmagem de Jackson Pollock enquanto pintava nos idos de 1950, somente o fato de produzirem aquela filmagem demonstra como o artista tinha atingido o status de celebridade ou o ser iluminado que cria. Em *Metamatics*, Tinguely subverte a idéia de criação de uma obra como um momento único, expressão de um *showman* heróico, Tinguely fez a crítica a essa situação com uma dimensão cômica, é esse tipo de humor que acompanhou a sua produção.

Em 1960, Tinguely foi para Nova York e para uma exposição na cidade decidiu construir uma máquina monumental e autodestrutiva, a máquina atuaria em direção a sua própria destruição, esta obra recebeu o nome de *Homage to New York* (homenagem à Nova York). O processo de autodestruição de *Homage to New York* transcorreu nos jardins do Museu de Arte Moderna. O artista construiu uma máquina insólita, uma máquina que não tinha uma funcionalidade e assim criticou a racionalidade exagerada e o resultado disso:

² Para imagens sugerimos consulta ao site do museu dedicado ao artista: Tinguely Museum. www.tinguely.ch



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

explosões e autodestruição. Esse era o caminho no qual andava a humanidade? Assim disse Tinguely sobre esta obra e sobre a cidade de Nova York:

Toda aquela magnífica acumulação de homens poderosos, todo aquele incômodo, como se todos vivessem nas margens de um precipício e que bom seria construir uma máquina que fosse concebida, assim como os fogos de artifício, em total anarquia e liberdade. (apud, VIOLAND-HOBI, 1995, p.36).

4. A MÁQUINA VENCEU: O EXOESQUELETO DE MARCEL.LI

O artista Marcel. Li Antunes Roca criou um performance interativa chamada *Epizoo*, que em 1994 foi apresentada ao público pela primeira vez, hoje somam-se mais de cinquenta apresentações. Trata-se de uma espécie de exoesqueleto metálico ligado a um computador e a um grande telão, o artista veste este exoesqueleto e através dos comandos do computador são provocadas alterações no exoesqueleto e conseqüentemente no corpo do artista. Todas as imagens são projetadas no telão para que o público possa ver as reações no corpo do artista aos comandos do computador.

O relato de Eduardo Kac (KAC, 2002), em seu texto *Novos Rumos da Arte Interativa*, revela um tom assustador e prossegue afirmando que após um assistente do artista provocar várias alterações no corpo de Marcel.li através dos *clicks* o público era convidado a assumir essa postura manipuladora do corpo alheio e de potencial agente causador de sofrimento a este corpo.

Uma possível leitura desta obra é a crítica à extrema racionalização do homem, que acreditando tanto no poder das máquinas, fez uso exagerado das mesmas e hoje se encontra dominado pela tecnologia e o elemento humano da performace é menosprezado. A performance mostra uma manipulação que evoca dor, sofrimento, desumanidade, mostrando os perigos dos excessos da tecnologia. Essa idéia de tortura e de agente torturador passa a ser mais dramática quando o público aceita o convite para ser o manipulador via tecnologia do corpo alheio. A crítica é ao homem e a tecnologia-máquina é o meio utilizado para a crítica ser feita.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este artigo colocou em paralelo obras de quatro artistas de períodos diferentes, cujas leituras revelam posicionamentos distintos em relação às máquinas e o papel das mesmas na sociedade dos respectivos períodos. Nas obras abordadas de autoria de Claude Monet, Giacomo Balla e Jean Tinguely a idéia era captar o movimento, o dinâmico. Monet queria retratar a vida moderna, a sua efemeridade, para isso, esse artista retrata o fugidio, a aparência das coisas em diversos instantes. Giacomo Balla pintou o movimento, procurou representar o dinamismo dos objetos.

Tinguely é também fascinado pela velocidade dos objetos, afirma que nada é estático, passa a usar máquinas na construção de seus objetos de arte, portanto o movimento não é mais representado como Balla e os outros futuristas o fizeram, mas o movimento agora é real.

A produção de Jean Tinguely é grandiosa e apresenta várias questões, tais como a co-autoria e a interatividade que também são características da performance de Marcellì e continuam a ser abordadas pelos artistas contemporâneos. Na obra *Homage to New York*, Tinguely construiu uma imensa máquina insólita para criticar os rumos da vida demasiadamente racionalizada em Nova York e também fez a crítica aos museus, aos quais era contrário, já que a obra é autodestrutiva e desta forma não houve como incorporá-la ao acervo de museu, ao menos a obra completa.

Na performance *Epizoo* de Marcellì o artista faz a crítica ao uso exagerado da máquina que gera o controle do homem, estas novas máquinas que torturam ou que são maneiras dos homens se torturarem uns aos outros.

As análises propostas neste texto foram respostas dos seus autores à realidade das máquinas, são diferentes devolutivas artísticas ao estímulo fornecido pelas realidades vividas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea. Uma História Concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna. Do iluminismo aos movimentos contemporâneos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHIPP, H. B. **Teorias da Arte Moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, Escolas & Movimentos. Guia Enciclopédico da Arte Moderna.** São Paulo: Cosac&Naif, 2003.

HUMPHREYS, Richard. **Futurismo.** Coleção Movimentos da Arte Moderna. São Paulo: Cosac & Naif, 2000.

READ, Herbert. **História da Pintura Moderna.** São Paulo: Círculo do livro.

STANGOS, Nikos (org.). **Conceitos da Arte Moderna.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

VIOLAND-HOBI, Heidi E. **Jean Tinguely life and work.** Monique e New York: Prestel Books, 1995.

Site:

[www. Tinguely.ch](http://www.Tinguely.ch): acesso 01/08/2009.

Catálogo de exposição:

Giacomo Balla 1894 – 1946 da io Balla a Ball'io. Curadoria Mario Verdone e Renato Miracco. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 12 de maio – 30 de julho de 2000.